Mário Eduardo Martelotta (org.)
Mariangela Rios de Oliveira – Maria Maura Cezario
Angélica Furtado da Cunha – Sebastião Votre
Marcos Antonio Costa – Victoria Wilson
Eduardo Kenedy – Márcio Martins Leitão
Roza Palomanes

Manual de linguística

Estruturalismo

Marcos Antonio Costa

Este capítulo trata da escola estruturalista, dando ênfase às propostas de Ferdinand de Saussure e de Leonard Bloomfield.

O legado de Saussure

A rigor, não podemos falar de um conceito *único* para o termo *estruturalismo*. Mesmo sem levarmos em consideração que a antropologia, a sociologia, a psicologia, entre outras áreas das ciências humanas, podem se apresentar sob a orientação de uma *teoria estruturalista* e nos restringindo aos domínios exclusivos das diversas escolas linguísticas, torna-se evidente a impropriedade do uso indistinto do termo para todas elas. Entretanto, essas escolas, de um modo ou de outro, apresentam concepções e métodos que implicam o reconhecimento de que a língua é uma estrutura, ou sistema,[1] e que é tarefa do linguista analisar a organização e o funcionamento dos seus elementos constituintes.

Sistema, estrutura, estruturalismo

Sabemos que um sistema resulta da aproximação e da organização de determinadas unidades. Por possuírem características semelhantes e obedecerem a certos princípios de funcionamento, essas unidades constituem um todo coerente, coeso. É essa ideia que nos permite falar, por exemplo, da existência de um sistema solar, de um sistema circulatório, respiratório, digestivo, etc. Descrever cada um desses sistemas significa revelar a organização de suas unidades constituintes e os princípios que orientam tal organização.

Saussure, o precursor do estruturalismo, enfatizou a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. À geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo "estruturalismo" para designar a nova tendência de se analisar as línguas.

O estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema.

O desenvolvimento da linguística estrutural representa um dos acontecimentos mais significativos do pensamento científico do século XX. Não poderíamos compreender os incontestáveis progressos verificados no quadro das ciências humanas sem compreendermos a elaboração do conceito de estrutura desenvolvido a partir das investigações do fenômeno da linguagem. Toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidencia em suas obras a contribuição pioneira de Ferdinand de Saussure relacionada à organização estrutural da linguagem.

Curiosamente, as ideias de Saussure, que se tornaram ponto de partida do pensamento que caracteriza a linguística moderna, tornaram-se públicas com o famoso *Curso de linguística geral*, livro que, na verdade, é a reconstrução, a partir de notas redigidas por alunos, de três cursos lecionados por Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra, cidade onde o linguista nasceu. O trabalho foi organizado por dois discípulos, Charles Bally e Albert Sechehaye.

É no *Curso* – publicado em 1916, três anos após a morte de Saussure – que encontramos os conceitos fundamentais do modelo teórico estruturalista. Esse modelo, como já mencionamos anteriormente, apresenta a linguagem como um sistema articulado, uma estrutura em que, tal como no jogo de xadrez (analogia abundantemente utilizada por Saussure), o valor de cada *peça* não é determinado por sua materialidade, ele não existe em si mesmo, mas é instituído no interior do jogo.

É fácil entendermos que pouco importa se, no xadrez, as peças são de madeira, ferro, marfim ou de outro material qualquer. A possibilidade de darmos andamento ao jogo depende exclusivamente de nossa compreensão de como as *peças* se relacionam entre si, das *regras* que as governam, da função estabelecida para cada uma delas e em relação às demais.

Se substituirmos o material das peças, isso em nada afetará o sistema, já que o valor de cada peça depende unicamente das relações, das oposições, entre as unidades. Podemos, por exemplo, utilizar uma simples tampinha de garrafa como se ela *valesse* a torre de nosso jogo. Para isso, é necessário tão somente que o valor atribuído a essa tampinha não seja correspondente ao valor do peão, do bispo, da rainha ou de qualquer outra unidade do sistema de jogo do xadrez. Em relação e em oposição a todas as outras unidades, nossa tampinha precisará valer uma torre.

Podemos, como quer Saussure, pensar a estrutura linguística a partir desse mesmo entendimento: estabelecemos comunicação porque conhecemos as regras da gramática de uma determinada língua. Ou seja, conhecemos as *peças* disponíveis do *jogo* e suas possibilidades de movimento, como elas se organizam e se distribuem. Não se trata, obviamente, do conhecimento acerca das regras normativas que encontramos nos livros de gramática. Não estamos falando de regras estabelecidas por um grupo de estudiosos em um determinado momento da história. Se assim fosse, aqueles que desconhecessem tais regras não se comunicariam.

O que regula o funcionamento das unidades que compõem o sistema linguístico são normas que internalizamos muito cedo e que começam a se manifestar na fase de aquisição da linguagem. Trata-se de um conhecimento adquirido no social, na relação que mantemos com o grupo de falantes do qual fazemos parte. Esse conhecimento, tal como no jogo de xadrez, independe da materialidade, da substância da qual as peças são formadas. Podemos lembrar que o sistema fonológico de uma língua pode ser expresso não a partir de uma substância sonora, mas, por exemplo, a partir de sensações visuais (movimento dos lábios). É desse modo que, em geral, as pessoas surdas de nascença aprendem o sistema de uma determinada língua sem nunca ter ouvido seus sons. O que se pretende demonstrar a partir dessa realidade é que a substância não determina de modo algum as regras do *jogo linguístico*, que são independentes do suporte físico – som, movimento labial, gestos, etc. – em que se realizam.

Em resumo, a abordagem estruturalista entende que a língua é forma (estrutura), e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta). Reconhece, entretanto, a necessidade da análise da substância para que possamos formular hipóteses acerca do sistema a ela relacionado. Um sistema que não apresenta qualquer manifestação material, que não seja expresso por algum tipo de substância, não desperta qualquer interesse científico, uma vez que não pode ser investigado.

Essa concepção de linguagem tem como consequência um outro princípio do estruturalismo: o de que *a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma*. É o que chamamos *estudo imanente da língua*, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Nessa perspectiva, ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico.[2]

Língua e fala

Quando estudamos Saussure, é frequente encontrarmos um grupo de *dicotomias* relacionado ao pensamento do famoso linguista. O termo *dicotomia* designa a divisão

lógica de um conceito em dois, de modo que se obtenha um par opositivo. Podemos, assim, observar dualidades como: língua e fala, sincronia e diacronia, paradigma e sintagma, forma e substância, significado e significante, motivado e arbitrário. Essas são algumas das chamadas dicotomias saussureanas. A partir de agora vamos observar algumas delas, começando pela dicotomia entre língua e fala.

Até agora usamos sem maior rigor o termo *linguagem*. Para Saussure, entretanto, a linguagem deve ser tomada como um objeto duplo, uma vez que "o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra" (Saussure, 1975: 15). Assim sendo, a linguagem tem um lado social, a *língua* (ou *langue*, nos termos saussureanos), e um lado individual, a *fala* (ou *parole*, nos termos saussureanos), sendo impossível conceber um sem o outro.

Para Saussure a língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. O entendimento saussureano é o de que a língua corresponde à parte essencial da linguagem e constitui um *tesouro* – um sistema gramatical – depositado virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. Sua existência decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Daí seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua.

Diferentemente, a fala constitui o uso individual do sistema que caracteriza a língua. Nas palavras de Saussure, é "um ato individual de vontade e de inteligência" (1975: 22), que corresponde a dois momentos: as combinações realizadas pelo falante entre as unidades que compõem o sistema da língua, objetivando exprimir seu pensamento, e o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. Trata-se, portanto, da utilização prática e concreta de um código de língua por um determinado falante num momento preciso de comunicação. Em outras palavras, é a maneira pessoal de atualizar esse código. Daí seu caráter individual. De acordo com Saussure, a língua é a condição da fala, uma vez que, quando falamos, estamos submetidos ao sistema estabelecido de regras que corresponde à língua.

Portanto, o objeto de estudo específico da linguística estrutural é a língua, e não a fala, sendo esta última tomada como objeto secundário. Isso se dá porque é na língua, conhecimento comum a todos, que se encontra a essência da atividade comunicativa, e não naquilo que é específico de cada um. Como já mencionamos anteriormente, toda preocupação extralinguística é abandonada, e a estrutura da língua é descrita apenas a partir de suas relações internas.

Isso não significa que se possa estudar a língua independentemente da fala, uma vez que, entre os dois objetos, existe uma estreita ligação: a língua é necessária para que a fala seja compreensível e para que o falante, consequentemente, possa vir a atingir os seus propósitos comunicativos; por outro lado, a língua só se estabelece a *partir das manifestações concretas* de cada ato linguístico efetivo. Assim, a língua é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da fala.

Sincronia e diacronia

Nesta seção, conheceremos mais uma dicotomia saussureana, relacionada ao método de investigação a ser adotado pelo linguista em suas pesquisas: sincronia e diacronia.

No início do século XIX, as semelhanças encontradas entre determinadas línguas levaram os pesquisadores a acreditar na existência de parentescos entre elas. As investigações passaram a ter como um de seus principais objetivos o agrupamento dessas línguas em *famílias*, o que acontecia através de um método de estudo chamado *histórico-comparativo*. Entre essas famílias, temos a indo-europeia, que reúne, entre outras, a maior parte das línguas europeias, assim como as línguas do chamado grupo indo-irânico, como o persa e o sânscrito, língua sagrada utilizada pelos hindus nos cerimoniais religiosos há cerca de 1.220/800 a.C.

Aos 21 anos, Saussure havia escrito *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européene* (apud Malmberg, 1974), obra que faz parte da bibliografia relativa ao pensamento do século XIX. Durante todo esse século, a investigação acerca da linguagem foi marcadamente de caráter histórico. Pouco interesse havia em se estudar a língua de um determinado grupo de falantes fora de um quadro de considerações históricas.

A partir dos anos de 1870, a geração dos neogramáticos procurou mostrar que a mudança das línguas possui uma regularidade, segue uma necessidade própria, não dependendo da vontade dos homens. Com esse objetivo, desenvolveram uma teoria das transformações linguísticas baseada em método estritamente científico, afastando-se das especulações vagas e subjetivas que marcaram os estudos da linguagem no início do século XIX.

De acordo com a escola dos neogramáticos, a linguística necessariamente deveria ter um caráter histórico, já que sua tarefa seria estudar as transformações das línguas em busca de explicações e formulações de regras de um "vir a ser" dessas línguas. Para Hermann Paul, o grande teórico da escola, a simples descrição de uma língua representaria, unicamente, a constatação de um fato, mas de forma alguma uma ciência.

A distinção feita por Saussure entre a investigação diacrônica e a investigação sincrônica representa duas rotas que separam a *linguística estática* da *linguística evolutiva*. "É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução." (Saussure, 1975: 96).

Assim, enquanto o estudo sincrônico de uma língua tem como finalidade a descrição de um determinado estado dessa língua em um determinado momento no tempo, o estudo diacrônico (através do tempo) busca estabelecer uma comparação entre dois momentos da evolução histórica de uma determinada língua. Podemos citar a análise da variação entre o uso de "ter" e "haver" no português contemporâneo no Brasil como exemplo de estudo de caráter sincrônico, já que o termo "variação" implica a coexistência de duas ou mais formas em uma mesma época. Por outro lado, a análise da trajetória de mudança *pane* > *pãe* > "pão", do latim ao português, caracteriza-se como uma abordagem diacrônica.

O estruturalismo proposto por Saussure não apenas aponta as diferenças entre essas duas formas de investigação, mas, sobretudo, registra a prioridade do estudo sincrônico sobre o diacrônico. Ou seja, para Saussure, o linguista deve estudar *principalmente o sistema da língua*, observando como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo. Esse tipo de estudo é possível porque os falantes não têm informações acerca da história de sua língua e não precisam ter informações etimológicas a respeito dos termos que utilizam no dia a dia: para os falantes, a realidade da língua é o seu estado sincrônico.

Na defesa de tais ideias, o linguista utiliza, mais uma vez, a analogia entre o sistema linguístico e o jogo de xadrez. Conforme a análise de Saussure, tanto no jogo da língua como durante uma partida de xadrez estamos diante de um sistema de valores e assistimos às suas modificações: assim como ocorre com os sistemas linguísticos, a disposição das peças no tabuleiro sofre contínuas mudanças. A qualquer instante, porém, essa disposição pode ser descrita conforme a posição das peças naquele momento específico do jogo, o mesmo acontecendo quando se trata da descrição de um estado particular de língua. Não importa o caminho percorrido: "o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundo antes" (Saussure, 1975: 105). Além disso, argumenta-se que, embora não sejam muitos os falantes conhecedores profundos da evolução histórica da língua que utilizam, todos nós demonstramos dominar, ainda na infância, os princípios sistemáticos, as regras da língua que ouvimos à nossa volta. A descrição linguística sincrônica tem por tarefa formular essas regras sistemáticas conforme elas operam num momento (estado) específico, independentemente da combinação particular de movimentos (das mudanças) já ocorridos.

Cabe observar ainda que o movimento de uma pedra no tabuleiro implica a constituição de uma nova sincronia, uma vez que tal movimento repercute em todo o sistema. O conjunto das regras do jogo, porém, é mantido. Essas regras, como já vimos anteriormente, situam-se fora do tempo do jogo e são prévias à sua existência e realização. É o próprio Saussure, contudo, que nos alerta quanto ao ponto em que a analogia entre o jogo de xadrez e o sistema linguístico se mostra falha: a ação do jogador ao deslocar uma pedra e, consequentemente, exercer uma alteração no sistema é intencional. Na língua, diferentemente, nada é premeditado, "é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam" (Saussure, 1975: 105).

O signo linguístico

Uma vez compreendido que a língua representa um conjunto de elementos solidários, uma estrutura, cabe-nos conhecer a natureza desses elementos. Saussure afirma que a língua é um sistema de signos. O signo é, portanto, a unidade constituinte do sistema linguístico. Ele é formado, por sua vez, de duas partes absolutamente inseparáveis, sendo impossível conceber uma sem a outra, como acontece com as duas faces de uma folha de papel: um *significante* e um *significado*.

Poderíamos dizer que o significante consiste numa sequência de fonemas, como acontece, por exemplo, com a sequência "linguagem". Precisamos, porém, de um pouco mais de cautela para entender o verdadeiro sentido atribuído por Saussure ao conceito de significante. Comecemos por compreender que, de acordo com a proposta estruturalista saussureana, a língua é uma realidade psíquica. Como já dito, um tesouro – um sistema gramatical – depositado virtualmente no cérebro de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística.

Assim sendo, as faces que compõem o signo linguístico são ambas psíquicas e estão ligadas, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. Sendo assim, o significante, também chamado de *imagem acústica*, não pode ser confundido com o som material, algo puramente físico, mas deve ser identificado com a impressão psíquica desse som, a representação da palavra enquanto fato de língua virtual, estando a fala absolutamente excluída dessa realidade.

A outra face do signo, o significado, também chamada de *conceito*, representa o sentido que é atribuído ao significante – o sentido, por exemplo, que atribuímos ao significante "linguagem" anteriormente mencionado como "capacidade humana de comunicação verbal". Daí o entendimento de que o signo, unidade constituinte do sistema linguístico, resulta da associação de um conceito com uma imagem acústica.

A arbitrariedade do signo linguístico

A filosofia desenvolvida na Grécia antiga é um marco inicial, no Ocidente, do debate sobre as relações entre a linguagem e o mundo. A discussão era se os recursos linguísticos através dos quais as pessoas descrevem o mundo à sua volta são arbitrários ou se esses recursos sofrem algum tipo de motivação natural. Essas duas teses representam desdobramentos das especulações filosóficas que dividiram os gregos na antiguidade clássica em *convencionalistas* e *naturalistas*. Enquanto os primeiros defendiam que tudo na língua era convencional, mero resultado do costume e da tradição, os naturalistas afirmavam que todas as palavras eram, de fato, relacionadas por natureza às coisas que elas significavam.

Que relação podemos observar entre a sequência "linguagem" e o sentido a ela atribuído? Quando nos referimos a "livro" como "conjunto de folhas de papel capaz de guardar uma obra literária, científica, artística, etc.", haveria alguma motivação especial para a escolha desse termo ("livro"), e não a de um outro qualquer?

Afirmar que o signo linguístico é arbitrário, como fez Saussure, significa reconhecer que não existe uma relação necessária, natural, entre a sua *imagem acústica* (seu significante) e o *sentido* a que ela nos remete (seu significado). Isso significa dizer

que o signo linguístico não é motivado, e sim cultural, convencional, já que resulta do acordo implícito realizado entre os membros de uma determinada comunidade. Trata-se, portanto, de uma convenção.

A arbitrariedade do signo linguístico pode ser mais bem compreendida quando observamos a diversidade das línguas. Cada língua apresenta um modo particular de expressar os conceitos: ninguém discute, por exemplo, se "livro" ou *book* se aproximam mais, ou menos, do conceito apresentado anteriormente. Por outro lado, poderíamos argumentar que certas unidades linguísticas apresentam-se como contraexemplos da arbitrariedade. As onomatopeias (do tipo "au-au", "tic-tac")[3] parecem ser motivadas, não arbitrárias. No entanto, argumenta Saussure, elas "não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois não passam da imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos" (1975: 83). Contudo, Saussure reconhece que a arbitrariedade é limitada por associações e motivações relativas: assim, "vinte" é imotivado, mas "dezenove" não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe, "dez" e "nove".

Saussure observa ainda que o princípio da arbitrariedade do signo linguístico não implica a compreensão de que o significado dependa da livre escolha do falante. A língua, como já apresentado anteriormente, é social, não estando ao alcance do indivíduo nela promover mudanças.

Relações sintagmáticas e relações paradigmáticas

Sendo a língua um sistema, cabe-nos compreender a forma como as unidades constitutivas desse sistema encontram-se relacionadas umas às outras. Quando descrevemos essas relações, estamos explicitando a organização dos elementos constituintes da estrutura linguística e, em última instância, reconhecendo o funcionamento do sistema.

Comecemos por entender que o signo linguístico exibe uma característica bastante particular, a qual, embora considerada demasiadamente simples, torna-se fundamental para a compreensão da língua como um sistema: o signo linguístico representa uma extensão. Isso significa que, ao ser transmitido, ele constitui uma sequência cuja dimensão só pode ser mensurável linearmente. Decorre daí o chamado *caráter linear da linguagem articulada*. Uma frase, por exemplo, é constituída por um certo número de signos linguísticos que são apresentados em linha, no tempo, um após o outro. Sabemos, contudo, que, por se tratar de um instrumento de comunicação, a frase deve ser construída de acordo com determinadas regras. Por isso mesmo, a *distribuição das palavras (dos signos) não ocorre de maneira aleatória, e sim pela exclusão de outros possíveis arranjos distribucionais.*

Quando combinamos duas ou mais unidades (por exemplo: "re-ter"; "várias pessoas"; "a linguística estrutural"; "eu tenho alguns projetos para a minha vida", etc.), estamos compondo sintagmas. As relações sintagmáticas decorrentes do caráter linear da linguagem dizem respeito às articulações entre os sintagmas e relacionam-se às diversas possibilidades de combinação entre essas unidades.

Devemos, portanto, entender como sintagmáticas as relações *in praesentia*, ou seja, entre dois ou mais termos que estão presentes (antecedentes ou subsequentes) em um mesmo contexto sintático. Por englobar diferentes níveis de análise, a noção de sintagma deve ser compreendida de uma maneira ampla.

a) No nível fonológico, as unidades se combinam para formar as sílabas. Quanto às restrições impostas pelas regras do sistema linguístico, sabemos, por exemplo, que a língua portuguesa não admite sílaba formada sem som vocálico.

Ex: Ca-sa, bar
↙ ↘ ↙ ↓ ↘
C V C V C

b) No nível morfológico, os morfemas se unem para formar a palavra, ou sintagma vocabular, como caracterizam alguns autores. Desse modo, prefixos e sufixos respectivamente antecedem e sucedem o radical (com Rad (= radical), VT (= vogal temática), Pref (= prefixo) e Suf (= sufixo)).

Ex: Menin - o, in - feliz - mente
↓ ↓ ↓ ↓ ↓
Rad VT Pref Rad Suf

c) No nível sintático, as palavras se combinam para formar frases. É inadmissível como frase construções tais como "De gosta bolo menino o". (SN (=sintagma nominal), SV (=sintagma verbal)).

Ex: O menino – gosta de bolo.
↓ ↓
SN SV

Além das relações sintagmáticas que dizem respeito à distribuição linear das unidades na estrutura sintática, as línguas apresentam relações paradigmáticas ou associativas que dizem respeito à associação mental que se dá entre a unidade linguística que ocupa um determinado contexto (uma determinada posição na frase) e todas as outras unidades ausentes que, por pertencerem à mesma classe daquela que está presente, poderiam substituí-la nesse mesmo contexto.

As relações paradigmáticas manifestam-se como relações *in absentia*, pois caracterizam a associação entre um termo que está presente em um determinado contexto sintático com outros que estão ausentes desse contexto, mas que são importantes para a sua caracterização em termos opositivos.

Ocorre que os elementos da língua nunca estão isolados em nossa memória. Eles são armazenados em termos de determinados traços que os caracterizam, como estrutura,

classe gramatical, tipo semântico, entre outros. Assim, a palavra "livreiro", por exemplo, está associada a elementos como "livro" e "livraria" a partir do radical que está na base desses elementos. Por outro lado, podemos estabelecer uma outra série de relações paradigmáticas tomando como base o sufixo: "leiteiro", "sapateiro", "garimpeiro", entre outros.

De algum modo essa organização dos elementos linguísticos na nossa memória, para Saussure, é importante na caracterização de uma frase. Por exemplo, podemos substituir uma desinência verbal de pessoa e número por outra do mesmo tipo (estuda<u>s</u>/estuda<u>mos</u>), um adjetivo por outro adjetivo ou locução adjetiva (Ele é <u>bondoso</u>/Ele é <u>caridoso</u>/Ele é <u>do bem</u>), um substantivo por outro substantivo (Gostaria de comprar um <u>livro</u>/Gostaria de comprar uma <u>fazenda</u>), etc. Para Saussure, além da possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto, as relações paradigmáticas são também decorrentes da semelhança de significação (educação/aprendizagem), da semelhança sonora (livro/crivo) ou de qualquer outra situação em que a presença de um elemento linguístico suscita no falante ou no ouvinte a associação com outros elementos ausentes.

Desse modo, podemos concluir que as relações sintagmáticas e as relações paradigmáticas ocorrem concomitantemente. Na sequência "Gostaria de comprar uma fazenda", a unidade "comprar", por exemplo, ao mesmo tempo em que se encontra em relação paradigmática com "vender", "entregar", "olhar" e tantas outras unidades, também mantém relações sintagmáticas com "gostaria", "de", "uma" e "fazenda". Da mesma maneira, no nível fonológico, em se tratando da sequência /bola/, o fonema /b/ se encontra em relação paradigmática com /s/, /m/, /g/, etc. e em relação sintagmática com /b/, /l/ e /a/. Esses fatos nos permitem compreender melhor o porquê da língua ser um sistema, uma estrutura, e não uma mera reunião de elementos. Adotando uma perspectiva estruturalista, podemos afirmar, então, que o que permite o funcionamento da língua é o sistema de valores constituído pelas associações, combinações e exclusões verificadas entre as unidades linguísticas.

Essas são, em linhas gerais, as principais ideias formuladas por Saussure. Elas representam o alicerce da linguística estrutural e, ao mesmo tempo, fundam a linguística moderna.

Durante a primeira metade do século XX, privilegiando diferentes aspectos das ideias de Saussure, surgem, na Europa, pelo menos três importantes grupos de estudos linguísticos: a Escola de Genebra, a Escola de Praga e a Escola de Copenhague. As duas primeiras não se limitaram ao estudo meramente formal da linguagem, adotando a visão de que a língua deve ser vista como um sistema funcional, no sentido de que é utilizada para um determinado fim: a comunicação.

Por outro lado, a Escola de Copenhague focalizou o aspecto formal das línguas, deixando sua função num plano secundário. Ou seja, essa escola adotou concepção *saussureana de língua* como um sistema autônomo e, através de Hjelmslev, desenvolveu uma teoria chamada de glossemática, aprofundando principalmente os conceitos de forma e substância (expressão e conteúdo).

Sob o rótulo de estruturalismo, a linguística moderna conhece duas vertentes principais: a europeia[4] e a norte-americana.

A corrente norte-americana

O estruturalismo norte-americano é representado pelas ideias de Leonard Bloomfield, desenvolvidas e sistematizadas sob o rótulo de *distribucionalismo* ou *linguística distribucional*. A teoria da linguagem proposta por Bloomfield, dominante nos Estados Unidos até aproximadamente 1950, é apresentada de maneira independente no momento em que o pensamento de Saussure começa a ser conhecido na Europa. Ocorre que, ao lado de algumas diferenças, muitos são os pontos em comum – ou, pelo menos, convergentes – entre as propostas formuladas pelos dois autores, o que nos permite conceber a teoria distribucionalista como uma vertente do estruturalismo.

O objetivo da teoria formulada por Bloomfield é a elaboração de um sistema de conceitos aplicáveis à descrição sincrônica de qualquer língua. Para tanto, parte dos seguintes pressupostos:

- cada língua apresenta uma estrutura específica;
- essa estruturação é evidenciada a partir de três níveis – o fonológico, o morfológico e o sintático – que constituem uma hierarquia, com o fonológico na base e o sintático no topo;
- cada nível é constituído por unidades do nível imediatamente inferior: as construções são sequências de palavras; as palavras, sequências de morfemas; os morfemas, sequências de fonemas;
- a descrição de uma língua deve começar pelas unidades mais simples, prosseguindo, então, à descrição das unidades cada vez mais complexas;
- cada unidade é definida em função de sua posição estrutural – de acordo com os elementos que a precedem e que a seguem na construção;
- na descrição, é necessária absoluta objetividade, o que exclui o estudo da semântica do escopo da linguística.

O autor pressupõe ainda que o processo de combinação de unidades para formar construções de nível superior (combinação de fonemas que resulta em morfemas, combinação de morfemas que resulta em palavras e combinação de palavras que resulta em frases) é guiado por leis próprias do sistema linguístico. Ou seja, enquanto determinadas construções são permitidas, outras são totalmente bloqueadas na língua. No português, por exemplo, uma construção do tipo "Linguística aluno de gosta estudar o" seria indiscutivelmente inaceitável.

De acordo com a concepção da linguística distribucional, para que possamos estudar uma língua, faz-se necessário:

- a constituição de um *corpus*, isto é, a reunião de um conjunto, o mais variado possível, de enunciados efetivamente emitidos por usuários de uma determinada língua em uma determinada época;
- a elaboração de um inventário, a partir desse *corpus*, que permita determinar as unidades elementares em cada nível de análise, assim como as classes que agrupam tais unidades;
- a verificação das leis de combinação de elementos de diferentes classes;
- a exclusão de qualquer indagação sobre o significado dos enunciados que compõem o *corpus*.

Essa postura mecanicista da linguística de Bloomfield apoia-se na psicologia behaviorista fortemente difundida nos Estados Unidos a partir de 1920, que tem Skinner como um de seus maiores teóricos. Ao tomar o próprio comportamento como objeto de estudo da psicologia, e não como indicador de alguma outra coisa que se expresse por ele ou através dele, o behaviorismo rompe com a compreensão de que as impressões, criadas na mente do homem pelos objetos e eventos, geram seu comportamento. Segundo essa corrente, o comportamento humano é totalmente explicável e, portanto, previsível a partir das situações em que se manifesta independentemente de qualquer fator *interno*. Logo, ele pode ser compreendido como o conjunto de uma excitação ou estímulo e de uma resposta ou ação.

No que diz respeito ao comportamento linguístico, a psicologia behaviorista fornece a seguinte explicação: uma comunidade ensina o indivíduo a emitir uma dada resposta verbal (a *expressar um termo*), provendo estímulos reforçadores quando essa resposta ocorre na presença da *coisa* para a qual o termo proferido é tomado como *referente*. O indivíduo, por exemplo, aprende a dizer "cadeira" na presença de uma cadeira ou objeto similar não por uma questão de *apreensão do significado* de "cadeira", mas porque essa resposta, na presença do objeto, tem uma história de reforço provido pela comunidade verbal. Na perspectiva de Skinner, termos como "conteúdo", "significado" ou "referente" devem ser desprezados, pelo menos enquanto propriedades de respostas verbais.

O método de análise que caracteriza a vertente americana da linguística estrutural é conhecido como análise distribucional, apresentado nos Estados Unidos por Bloomfield, com a publicação de *Language*, em 1933. Objetivando chegar à descrição total de um estado sincrônico de língua, esse método parte da observação de um *corpus* para descrever seus elementos constituintes de acordo com a possibilidade de eles se associarem entre si de maneira linear. Pressupõe-se, assim, que as partes de um língua não se organizam arbitrariamente, mas, ao contrário, apresentam-se em certas posições particulares relacionadas umas às outras. Trata-se, portanto, de um método puramente descritivo e indutivo que corrobora o entendimento de que todas as frases de uma língua são formadas pela combinação de construções – os seus constituintes –, e não de uma simples sequência de elementos discretos. Esses constituintes, por sua vez, são formados por unidades de ordem inferior. Assim, para decompor os enunciados do *corpus*, os distribucionalistas utilizam um método chamado de *análise em constituintes imediatos*. Nessa perspectiva, uma frase é o resultado de diversas camadas de constituintes. Por exemplo, a estrutura da frase "O aluno comprou um livro" é descrita como a combinação de dois constituintes: um sintagma nominal ("o aluno") e um sintagma verbal ("comprou um livro"). Por sua vez, cada um desses dois constituintes imediatos é formado por outros constituintes: o sintagma nominal "o aluno" é formado por um determinante ("o") e por um substantivo ("aluno"); o sintagma verbal "comprou um livro" é formado por um verbo ("comprou") e por um sintagma nominal ("um livro"). Podemos observar abaixo como nossa frase pode ainda ser segmentada em outros constituintes:

- ➢ Frase .... o aluno comprou um livro
- ➢ Sintagmas .... o aluno / comprou um livro
- ➢ Palavras.................................... o / aluno / comprou / um / livro
- ➢ Morfemas .... o / alun/o / compr/ou / um / livr/o
- ➢ Fonema.................................... o / a/l/u/n/o / k/õ/p/r/o/u / ũ / l/i/v/r/o

Conforme podemos observar, a análise distribucional (e o modelo estruturalista como um todo) apresenta uma perspectiva demasiadamente formal acerca do fenômeno linguístico, restringindo a tarefa do pesquisador, ao descrever uma língua, à classificação dos segmentos que aparecem nos enunciados do *corpus* e à identificação das leis de combinação de tais segmentos.

As formulações propostas por Bloomfield sob a inspiração do behaviorismo representaram, nos estudos linguísticos desenvolvidos nos Estados Unidos durante as primeiras décadas do século xx, uma oposição às ideias mentalistas que defendiam que a fala deveria ser explicada como um efeito dos pensamentos (intenções, crenças, sentimentos) do sujeito falante.

Ao lado de Bloomfield, Edward Sapir é apontado como um autor clássico da linguística norte-americana do início do século xx. Entretanto, os estudos de Sapir rompem os limites do estruturalismo saussureano, uma vez que adotam o postulado de que os resultados da análise estrutural de uma língua devem ser confrontados com os resultados da análise estrutural de toda a cultura material e espiritual do povo que fala tal língua. As seguintes ideias estão relacionadas à *hipótese Sapir-Whorf*:

- cada língua segmenta a realidade à sua maneira e impõe tal modo de segmentação do mundo a todos os que a falam. Nesse sentido, a língua configura o pensamento: as pessoas que falam diferentes línguas veem o mundo diferentemente;
- os modelos linguísticos relacionam-se aos modelos socioculturais. As distinções gramaticais e lexicais, obrigatórias numa dada língua, correspondem às distinções de comportamento, obrigatórias numa dada cultura.

Tanto a teoria proposta por Sapir-Whorf como o modelo de análise distribucional formulado por Bloomfield inserem-se na situação linguística específica dos Estados Unidos naquele início de século. Havia no continente americano cento e cinquenta famílias de línguas ameríndias – o equivalente a aproximadamente mil línguas – apresentadas sob a forma de material linguístico oral ainda não descrito, o que representava um grande problema para os administradores e etnólogos da época. A perspectiva antropológica presente nos postulados de Sapir-Whorf e a psicologia comportamental que influenciou as ideias de Bloomfield encontram terreno fértil nesse contexto particular.

Esse contexto, portanto, marcou o estruturalismo dos Estados Unidos, diferenciando-o da linguística europeia. Pode-se dizer que, enquanto Sapir foi o pioneiro, Bloomfield foi o consolidador da linguística naquele país, criando uma teoria mais bem delimitada do que os linguistas anteriores.

Exercícios

1) Comente a afirmativa saussuriana:

   "A língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica" (Saussure, 1975).

2) Defina os conceitos de "língua" e "fala".
3) Um dos postulados de base da linguística estrutural é que o signo é arbitrário. Explique o que significa essa afirmação.
4) A linguística estrutural reconhece o princípio saussuriano de que *todo o mecanismo linguístico repousa sobre relações de dois tipos: sintagmáticas e paradigmáticas.* Explique tal princípio.
5) A afirmativa de que "a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma", que finaliza o texto do *Curso de linguística geral*, é fundamental para que possamos compreender os postulados de Saussure. Faça alguns comentários a respeito dessa questão.
6) Aponte três características da linguística descritiva norte-americana (distribucionalismo) que fazem dela uma vertente do estruturalismo saussuriano.

Notas

[1] A noção inicial era a de *sistema*, proposta por Saussure. A noção de estrutura se desenvolveu do termo saussuriano: tendo sido estabelecido que a língua constitui um sistema, cumpre estabelecer como se estrutura esse sistema.

[2] Essa característica se desenvolveu de modo mais forte na chamada Escola de Copenhague, sobretudo com Louis Hjelmslev. As chamadas escolas de Praga e de Genebra, desenvolvendo uma linha um pouco diferente, procuraram relacionar essa estrutura com a noção de "função".

[3] Saussure caracteriza as onomatopeias autênticas como aquelas que representam imitações aproximativas e já meio convencionais de certos ruídos, em oposição àquelas que impressionam por sua sonoridade sugestiva, como, por exemplo, tilintar, chover e piar.

[4] O estruturalismo europeu está representado principalmente pela linguística funcional desenvolvida pela Escola de Praga. As questões relacionadas a essa vertente são tratadas em capítulo específico.

Gerativismo

Eduardo Kenedy

Neste capítulo, apresentam-se em linhas gerais os principais aspectos que caracterizam a corrente de estudos linguísticos conhecida como *gerativismo*. Analisaremos a concepção de linguagem humana que norteia as pesquisas dessa corrente, bem como faremos uma exposição da maneira gerativista de observar, descrever e explicar os fatos das línguas naturais. Trata-se de uma visão geral, introdutória e simplificada, destinada ao estudante que conhece pouco ou nada sobre o gerativismo. Nas indicações bibliográficas, apresentadas no fim do livro, o leitor encontrará sugestões de leituras em português para prosseguir nos estudos sobre o assunto.

A faculdade da linguagem

A *linguística gerativa* – ou *gerativismo*, ou, ainda, *gramática gerativa* – é uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, no final da década de 1950, a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky, professor do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT. Considera-se o ano de 1957 a data do nascimento da linguística gerativa, ano em que Chomsky publicou seu primeiro livro, *Estruturas sintáticas*. Trata-se, portanto, de uma linha de pesquisa linguística que já possui cinquenta anos de plena atividade e produtividade. Ao longo desse meio século, o gerativismo passou por diversas modificações e reformulações, que refletem a preocupação dos pesquisadores dessa corrente em elaborar um modelo teórico formal, inspirado na matemática, capaz de descrever e explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana.

A linguística gerativa foi inicialmente formulada como uma espécie de resposta e rejeição ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem, modelo esse que foi dominante na linguística e nas ciências de uma maneira geral durante toda